

(Texto de comunicação apresentada na Universidade de Évora: 1986, Colóquio Relações entre a Teoria da Literatura e a Linguística. Título da comunicação "A Sequência Ordinal da Descodificação Sémica no Processo Metafórico".)

A SEQUÊNCIA ORDINAL DA DESCODIFICAÇÃO SÉMICA

NO PROCESSO METAFÓRICO

Falar das relações entre a Teoria da Literatura e as teorias linguísticas é sempre correr riscos: ou de se abordar o fenómeno literário um tanto friamente, ou, pelo contrário, subjectivizar em demasia a análise científica dos códigos mais utilizados pela humanidade — as línguas.

Por isso, consideramos que nesta matéria o "in medio v, virtus" será a tentativa de, com uma análise o mais rigorosa possível, se procurar explicar, através de dados linguísticos, a génese e a natureza de fenómenos que indubitavelmente podem contribuir para a literariedade do texto. Dentro desta conjectura pensamos ser de considerável importância a relação entre a ordem da descodificação sémica e o processo metafórico.

Ao falarmos de "descodificação sémica", e já que na estrutura linguística tudo o que existe se baseia num sistema de oposições, estamos implicitamente a opor o processo sémico ao fémico. Na realidade, tanto o semema como o femema se estruturam a partir de um conjunto de traços componentes. Neste último, esses mesmos traços — os femas — são captados pelos utilizadores da língua de modo simultâneo e, pelo menos fonologicamente, unívoco. Quando alguém percebe um som como o existente no início da palavra "Minho", não capta em primeiro lugar a oclusividade, a bilabialidade, a sonoridade ou a nasalidade do mesmo: estas características que, juntas, são peculiulares àquele fonema, são percebidas simultaneamente.

Esta simultaneidade fémica não acontece, porém, no plano sémico. Com efeito, sendo a parte de significação (objec-tiva, não gramatical) dos lexemas composta também por um conjunto de unidades, os semas, o processo de apreensão destes é substancialmente diferente. E isto até porque se a apreensão do femema é fonologicamente unívoca, a descodificação do

semema não o é. Em primeiro lugar, porque o semema de qualquer lexema é diferente de falante para falante: assim, o lexema de "rio" não é o mesmo para um indivíduo que viva na foz do Tejo e para outro que desde criança se habituou a considerar, porque era assim que o via, o rio como um curso pequeno de água, irregular, saltando de cascata em cascata. Se para o primeiro, em "rio" apareciam semas como "vastidão", "tranquilidade", para o segundo seriam semas como "pequenez", "irritabilidade" ou "ligeireza". Em segundo lugar, mesmo que dois falantes possuam sememas quase idênticos, a atribuição de sentido(s) que cada um fará a um lexema dificilmente será idêntica, já que a ordem pela qual a cada um deles lhe vão surgindo os semas, não é, também, a mesma. Assim, e servindo-nos do exemplo dado, de duas pessoas habituadas a verem diariamente o Tejo lisboeta, uma pode destacar o sema de "profundidade" do rio, outra o de "vastidão", outra o de "tranquilidade" das águas ou ainda o de "movimentação" dos barcos.

Ora são exactamente estas duas características do semema — a da não coincidência e a da ordem de importância, para cada falante — que possibilitam e favorecem a divergência de interpretações da metáfora, ou, como preferimos chamar-lhe, divergências de descodificação.

E dizemos "descodificação", porque na realidade o processo de compreensão da metáfora, para além da descodificação linguística que se verifica entre significante / significado, possui ainda um outro código: o da ordem da sequência pela qual cada utilizador da língua ordena o semema de cada lexema. Há que notar, no entanto, que aqui a palavra "código" não significa o mesmo que a que serve para estabelecer a relação entre significante / significado. Enquanto esta é socialmente motivada, ou seja, enquanto determinado significante tem o significado que os vários processos diacrónicos e sincrónicos originaram, a relação entre a lexia e o semema, embora participando dessa motivação social, é também, e em grande parte, psicologicamente motivada.

Daqui se infere que o modo como o receptor vai ordenando a parte sémica do lexema é de primordial importância na desco-

dificação do processo metafórico.

Vejam^{os} a descrição do mesmo processo:

Existe metáfora, quando determinado significante abandona o significado a que normalmente está ligado e passa a ter como parte significativa uma outra realidade. Costuma dizer-se que isto se verifica por um processo de analogia, afirmando-se, dentro deste âmbito, que a metáfora é uma comparação sem a partícula comparativa. Contudo, se a analogia desempenha um papel relevante no processo metafórico, esse papel não é, quanto a nós, o mais importante. O essencial é a parte comum entre os sememas das palavras implicitamente comparadas. São exactamente esses semas comuns que vão possibilitar toda a força da metáfora.

Assim no sintagma "no rosto sobressaíam duas esmeraldas", a metáfora reforça o sema de "verde" não tanto pela analogia, mas por tal sema ser comum entre os dois lexemas ("olhos" e "esmeraldas"); obliteram-se os semas divergentes, separa-se e destaca-se o comum, que fica assim com um valor semântico muito mais acentuado.

Só que habitualmente a parte sémica comum envolvida no processo não é constituída por um sema, mas por vários. E é então que a ordem pela qual os semas comuns no processo metafórico "aparecem" ao receptor, é de primordial importância para a descodificação que o mesmo faz, resultando, assim, valores diferentes não apenas em função da constituição da parte comum entre os dois conjuntos sémicos, mas também da ordem que os mesmos semas formam no processo de descodificação.

Recorramos, como diria Pessoa, "à cobardia do exemplo":

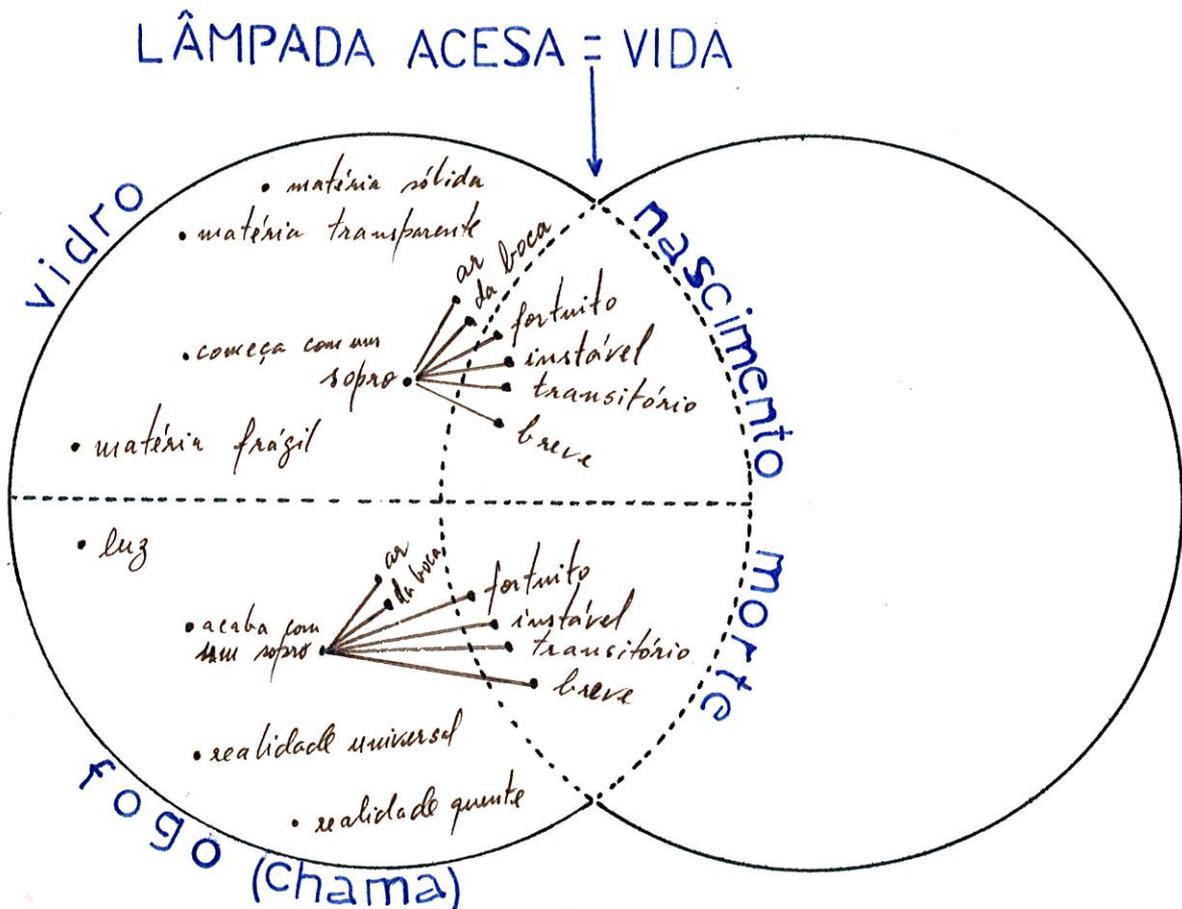
"Finalmente que cousa é a mesma vida senão uma lâmpada acesa: vidro e fogo? Vidro, que com um assopro se faz: fogo, que com um assopro se apaga". (1)

O metaforizar "vida" com o sintagma "lâmpada acesa", não vale pelo seu carácter de novidade: a luz sempre foi o símbolo do vida. Então onde está a originalidade que a metá-

1 Sermões do P.º A. Vieira, Porto, Lello, 1907-1909, vol. II, p.388.

fora indubitavelmente comporta? Esse toque de gênio que dá um valor tão expressivo ao processo, baseia-se sobretudo em o P. António Vieira fazer no concreto do texto aquilo que atrás apontávamos como sendo o que mais força dá ao processo metafórico: ter isolado o conjunto sémico comum que lhe interessava, ordenando-o pela única ordem que possibilita o aproveitamento mais integral e intenso da metaforização.

Assim, divide o segundo termo do processo metafórico nos dois subconjuntos sémicos que o compõe; uma lâmpada acesa é formada por vidro e fogo. Detectemos alguns dos respectivos semas, que poderemos esquematizar:



O que se nos depara em primeiro lugar é, evidentemente, o conjunto de semas comuns existente entre "lâmpada acesa" e "vida". No entanto, se repararmos bem, verificamos que é de primordial importância a ordem pela qual nos são apresentados os referidos semas. Aliás, é no próprio corpo do texto

que essa ordem é expressamente proposta. Repare-se que não aparece "fogo e vidro", mas "vidro e fogo". E aqui a ordem dos factores não é arbitraria. Interessa sobretudo transmitir a ideia de que a vida é algo transitório, que caminha inexoravelmente de um princípio fortuito para um fim, fortuito ele também. Ora esta ideia só pode ser representada se na metáfora escolhida se ordenarem os semas comuns da maneira que estão: há que em primeiro lugar apresentar o sema "algo que começa fortuitamente", e depois o outro sema: "algo que acaba fortuitamente". Bastava a ordem do conjunto sémico comum ser a inversa, para a metáfora se tornar incorrecta: a vida seria apresentada, então, do fim (fogo) para o princípio (sopro → princípio do vidro).

Além disso, a ordem pela qual se faz a descodificação sémica é ainda de primordial importância para acentuar uma outra significação para que a metáfora aponta: o início e o termo da vida, tal como o "nascimento" do vidro e a "morte" da chama, na lâmpada, são momentos idênticos; a morte é apresentada como um novo nascimento — ideia que o P. António Vieira quererá também deixar pairando.

É ainda a conjugação da parte sémica destacada com a ordem da descodificação ou, aqui, a ordem da apresentação ao ouvinte — já que neste caso é o próprio orador quem no corpo do texto descodifica — é esse conjunto e essa ordem, dizíamos, que permitem dentro do mesmo processo uma outra metaforização a nível mais subtil: a vida é composta por corpo e espírito — vidro e fogo. O corpo, assim como o vidro, é frágil, é matéria; o espírito, assim como o fogo, é menos material. E veja-se que a metáfora apresentada é cara ao pregador religioso; já que a parte mais essencial da lâmpada não é o vidro, mas o fogo. E se este também é apresentado como algo que desaparece com um simples assopro, é porque aqui metaforiza mais o perecível da vida do que o imortal da alma que, com certeza, o P. António Vieira defendia.

Mas nem em todos os processos metafóricos o narrador apresenta os semas comuns. Na maior parte dos casos, é o próprio leitor quem tem que procurar o conjunto sémico comum en

tre o termo metafórico e o metaforizado. Ora quando falamos na importância da sequência ordinal da descodificação sémica, pretendemos exactamente referir-nos a esses instantes em que se verifica a formação do conjunto de semas comuns entre os dois termos do processo. A metáfora irá ter um valor diferente dependendo da ordem pela qual essas componentes vão aparecendo ao leitor — ou ao descodificador, como se queira.

Vejamos, no exemplo de uma metáfora tantas vezes utilizada: "A vida é um rio".

Se analisássemos alguns dos semas de "rio", poderíamos encontrar:

- algo que caminha sempre1
- algo irrequieto2
- algo que se funde em algo maior (mar)3
- algo que é comprimido (por margens)4
- algo que pode ser profundo5
- algo que pode ser tranquilo6
- algo que pode ser perigoso7

Evidentemente que a metáfora terá um valor diferente para quem, metaforizando "vida", escolha de "rio" o conjunto de semas $\{1,2,3,4\}$, o $\{1,5,6,7\}$ ou outro. Assim, se se quiser privilegiar a faceta dinâmica da vida, que o viver é lutar, prosseguir sempre, é visível que semas como $\{1,2,4\}$, ou seja, "algo que caminha sempre", "algo irrequieto", "algo que é comprimido", serão os escolhidos; se, ao invés, forem semas como $\{6,7,3\}$ ("algo que pode ser tranquilo", "algo que pode ser perigoso", "algo que se funde em algo maior"), é facilmente constatável que é uma outra visão da vida que se tem: ressalta, neste caso, o imprevisível do viver, bem assim como a pouca importância que cada um de nós tem no imenso mar de toda a gente.

Mas imaginemos ainda um grupo de receptores que captassem o conjunto $\{1,3,5\}$. O terem todos apreendido o mesmo conjunto sémico (e imaginemos que apenas tinham intuído estes três semas comuns e mais nenhum outro) não significa que para

todos o valor ou, se assim se preferir, o sentido da metáfora seja o mesmo. Com efeito, entra aqui um elemento primordial no processo de descodificação sémica: o factor ordenador dos mesmos semas. Assim, e visto que, como atrás dissemos, a apreensão sémica não pode ser simultânea como a fémica o é, o colocar os elementos daquele conjunto por determinada ordem é o que possibilita o valor distinto que a metáfora pode ter para cada receptor. E o facto verifica-se porque, em nossa opinião, num processo de descodificação sémica os semas que aparecem em primeiro lugar são os que vão ter uma importância maior no valor que o receptor atribuirá à metáfora. Não nos interessa aqui saber o peso dos factores individuais que ordenam um semema: se mais o factor cultural, se elementos de ordem subjectiva ou mesmo arquetípica. O certo é que nos parece que aqueles semas que primeiro vão surgindo são os que têm um valor mais acentuado e irão "guiar" a direcção para a qual apontará a metáfora.

Voltando ainda ao exemplo de trás: o do grupo de receptores que captasse o conjunto sémico $\{1,3,5\}$. Para quem descodificasse a metáfora neste conjunto ordenado, o sentido da mesma seria orientado no âmbito de destacar, da vida, o seu aspecto inexoravelmente transitório (sema 1), dependente dos outros e de um fim que não se pode controlar (sema 3); posteriormente, e em correlação com os semas 1 e 3, apareceria o aspecto profundo, misterioso, que a mesma vida comporta.

Diferentemente, se a ordenação sémica fosse $\{5,3,1\}$. Agora a metáfora, assim descodificada, apontaria preferentemente a complexidade, a profundidade da vida, o desconhecimento que cada homem tem de si mesmo e dos outros, destacando a individualidade e o "mistério" de não haver duas vidas iguais.

Mas a um outro receptor, a metáfora "a vida é um rio" poderia sugerir-lhe primeiramente que assim como o rio está destinado a "perder-se" no mar, assim também a vida de cada um está irremediavelmente condenada a diluir-se em sociedade. E então a ordenação sémica destacaria, pondo em primeiro lugar, o sema 3.

É assim por diante: poderíamos continuar a construir conjuntos sémicos cuja ordenação de elementos mostraria o valor atribuído, no processo de descodificação, à metáfora.

É, em nosso entender, este mecanismo implicitamente compreendido, que contribui para duas afirmações a respeito da análise e interpretação literárias: de que elas podem ser sempre renovadas e são, em grande parte, subjectivas.

Sempre renovadas, porque, como atrás se viu no processo em análise, há sempre possibilidade de numa nova leitura da metáfora se apreenderem semas que até aí não tinham surgido; ou, por outras palavras, o conjunto sémico comum aos dois termos do processo metafórico é, por princípio, um conjunto sempre em aberto. Por isso mesmo cada nova leitura pode possibilitar interpretações cada vez mais completas pelo surgimento de semas sempre pertinentes ao referido processo.

É subjectiva, a análise e interpretação metafórica, visto que, em primeiro lugar, essa mesma interpretação far-se-á em função quer do conjunto sémico escolhido por cada receptor, quer da sequência pela qual esse mesmo conjunto é ordenado. Ora, evidentemente, não há nada mais subjectivo do que esta mesma ordem: se para o receptor A o sema 1 pode ocorrer em primeiro lugar, não se segue que para o B assim tenha que ser. E se A apreendeu em primeiro lugar tal sema é porque, na realidade, ele é, no processo, mais importante para ele do que para um outro a quem nem sequer tenha ocorrido, ou apenas apareça em lugar secundário.

Por tudo isto se pode constatar que dizer que "a metáfora é uma comparação abreviada" é como afirmar que o teorema de Pitágoras são três segmentos de recta: o mecanismo de funcionamento ou explicação fica na mesma por demonstrar. A verdadeira explicação da metáfora e de todo o processo metafórico tem que se buscar no conjunto sémico comum entre os termos do processo e na ordem pela qual esses mesmos termos são apreendidos pelo receptor-descodificador. E a força da metáfora está exactamente no privilegiar, porque os destaca como comuns, de certos semas que se querem acentuar. Por isso se pode dizer que toda a metáfora é uma sinédoque. Na realidade, no processo

verifica-se que é apenas uma parte sémica de determinado lexema que vai ser tomado, no plano da expressão (que não no da descodificação semântica) pelo todo desse mesmo lexema: ou seja, um significante abandona o seu significado "tradicional" e passa a ser o significante do significado "real" a descodificar. Quando se diz: "na cara, duas esmeraldas", o significante [iʃmɐɾáɫɔdɐʃ] não tem como significado o semema a que habitualmente anda ligado: significa, agora, "olhos". E porquê? Exactamente por funcionar como uma sinédoque: não é todo o significado que ali tem de ser atribuído, mas apenas parte do mesmo: o sema "verde".

É evidente que em todo o processo metafórico o génio do escritor terá um papel fundamental. Não basta fazer "comparações abreviadas" para conseguir boas metáforas. E se atrás dissemos que o valor da metáfora depende essencialmente dos semas escolhidos e da ordem desses mesmos semas, é o escritor que tem de, no plano da expressão, ordenar o contexto de tal modo que os semas apreendidos pelo receptor-descodificador sejam aqueles que mais acentuem a força da metáfora. Vejamos, a este propósito, mais um outro exemplo daquele a quem Pessoa chamou "imperador da língua portuguesa":

"Que cousa são as honras e as dignidades, senão fumo?

Fumo que sempre cega, e muitas vezes faz chorar". (1)

Note-se como o P.^o António Vieira valoriza esta metáfora tão tradicional: esquece o sema comum que normalmente é o foco entre os dois termos — assim como o fumo desaparece de depressa, também as honras e dignidades depressa se vão. Este sema comum (o de "realidade que desaparece depressa") parece ignorado no texto de Vieira. E parece-o assim, porque o pregador sabia que este era o aspecto comum que todo o ouvinte dos seus sermões primeiramente descodificaria. E é então que, para dar um novo valor e uma nova força à metáfora já gasta, ele vai buscar outros dois semas de "fumo": o de "algo que não deixa ver" e o de "algo que provoca lágrimas". E é pelo destaque destes dois semas que ressuscita a metáfora.

(1) Sermões, vol. II, p. 360.

Mas repare-se, ainda, como Vieira ordena os semas escolhidos: em primeiro lugar aparece o sema "algo que não deixa ver", e só depois o sema "algo que provoca lágrimas". É que se no termo metafórico a ordem não é significativa (o fumo tanto pode cegar primeiro e provocar lágrimas depois, como o inverso), no metaforizado essa ordem é essencial. É que as dignidades e as honras primeiro cegam, não nos deixam ver muitas vezes aquilo que somos; só depois, e muitas vezes por causa disso mesmo, é que nos fazem chorar.

Que é pelo destaque dos semas comuns e da sua ordenação que a metáfora ganha toda a sua força expressiva, também o compreendeu o grande escritor angolano José Luandino Vieira. Veja-se toda a novidade que arranca duma metáfora já sepulta da e à qual aqui já nos referimos: "a vida é um rio" (1). Aí se pode ver como cada sema de "rio" é aproveitado e desencadeia, por sua vez, uma nova torrente de metaforizações. E se mas de "rio", como por exemplo os de "levar destroços consigo" e "desaguar no mar", possibilitam excelentes explorações, sempre em função de um novo ângulo de lapidação da pedra preciosa que, literariamente, pode ser cada metáfora:

"Porque a pessoa, cadavez um rio, se habitua nas suas margens de capim, guarda em seus olhos todos os paus, plantas, os bichos [...] Carregamos tudo o que é nosso, o que a gente pensa é só nosso, ninguém que sabe; de repente, o tudo fica no mundo mar mais todos os outros rios misturados, junto com as vidas todas, outras águas alheias. [...] Talvez, muitas vezes, somos sempre a nossa água no muito mar dos outros todos."

Fevereiro/86

José Teixeira

(1) Velhas Estórias, Lisboa, Plátano Editora, 1974, pp. 189-195.

BIBLIOGRAFIA

- ASSIS, M. de (1985) - Obra Completa, Org. por A. Coutinho, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S. A..
- COVIZZI, L. M. (1978) - O Insólito em Guimarães Rosa e Borges, São Paulo: Ática Editora.
- ELUERD, R. (1985) - La pragmatique linguistique, Paris: Nathan.
- KRIPKE, S. (1982) - La Logique des Noms Propres, Paris: Minuit.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1962) - La Pensée Sauvage, Paris: Ed. Plon.
- MACHADO, A. M. (1976) - Recado do Nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de sesu personagens, Rio de Janeiro: Imago Editora.
- RECANATI, F. (1983) - La Sémantique des Noms Propres. Langue Française, 57.
- RIEDEL, D. C. (1974) - Metáfora, o espelho de Machado de Assis, Rio de Janeiro: Livraria Fancisco Alves Editora S.A..
- SEARLE, J. R. (1984) - Os Actos De Fala - Um Ensaio de Filosofia da Linguagem, Coimbra: Almedina.
- TOMACHEVSKI, (1965) - Théorie de la littérature, cap. "Thématique", Paris: Seuil.
- TRIGO, Salvato (1981) - Luandino Vieira - o logoteta, Porto: Brásilia Editora.
- VIEIRA, J. L. (1978) - A Cidade e a Infância. Estórias, Lisboa: Edições 70.
- (1986) - Velhas Estórias, Lisboa: Edições 70.
- WELLEK e WARREN (1962) - Teoria da Literatura, Lisboa: Publicações Europa-América.